

O ambiente em Winnicott

Conceição A. Serralha de Araújo

E-mail: serralhac@hotmail.com

Resumo: O presente texto aborda o termo *ambiente* na obra de D. W. Winnicott. Para tanto, esse termo foi investigado nos trabalhos desse autor e também na teoria de outros autores, no sentido de compará-lo e apreender a sua especificidade. Uma síntese dessa investigação foi apresentada, tomando como amostra comparativa o que tange ao pensamento de Freud. Concluiu-se que Winnicott, com ambiente, referiu-se às condições psicológicas e/ou físicas necessárias ao amadurecimento emocional do ser humano, sendo a importância delas destacada e ampliada: a capacidade do ambiente de se adaptar adequadamente às necessidades do *ser* implicará a possibilidade de este perceber e se relacionar com o outro (realidade externa), bem como constituir e se relacionar com seu si-mesmo (realidade pessoal).

Palavras-chave: ambiente; Winnicott; condições psicológicas e físicas; necessidades; realidade.

Abstract: The present text searched to cover the term *environment* in D. W. Winnicott's work. For that, the term was examined in the works of this author and also in the theory of some other authors, in the sense of comparing and apprehending it in its specificity. A synthesis of this investigation was presented, taking as a comparative sample what concerns to Freud's thoughts. It was concluded that Winnicott, with the term, refers to the psychological and/or physical conditions necessary to the emotional maturity of the human being, with their importance emphasized and enlarged: the environment's capacity of adapting itself appropriately to the need of the being is going to imply in its possibility of realizing and adapting with the

other (external reality), likewise to form and to relate with itself (personal reality).

Key-words: Enviroment; Winnicott; psychological and physical conditions; needs; reality.

Na língua portuguesa, a palavra *ambiente* significa “1) aquilo que cerca ou envolve os seres vivos ou as coisas, por todos os lados; envolvente; 2) aquilo que cerca os seres vivos ou as coisas; meio ambiente; 3) lugar, sítio, espaço, recinto; 4) meio” (Ferreira 1988, p. 36).

Na língua inglesa, a palavra *ambiente* (*environment*) refere-se “1) às condições [*conditions* = situação (*situation*) ou arredores (*surroundings*)] nas quais as pessoas vivem, trabalham ou fazem coisas etc.; 2) ao mundo natural, por exemplo, terra, ar e água, no qual pessoas, animais e plantas vivem” (*Oxford wordpower* 2003, pp. 226 e 139).

Já Campbell (1986), em seu *Dicionário de psiquiatria*, relaciona o termo a um “conjunto de elementos externos” que rodeia uma pessoa, que a estimula e a influencia, esses elementos podendo ser de ordem física, biológica, social e cultural.

Caso se empreenda uma análise mais apurada da teoria winnicottiana, percebe-se que Winnicott rejeitou os conceitos metapsicológicos, uma vez que, para ele, estes não conseguiam definir o que pretendiam, e mais, as próprias pessoas que os utilizavam não se davam conta disso ou disfarçavam tal situação. Preferiu, em muitos casos, utilizar palavras coloquiais inglesas e comentou: “devemos todos nós (não sou nenhum anjo) evitar o uso de palavras inglesas comuns como termos técnicos e não deixar de usar palavras inglesas comuns quando elas estiverem disponíveis” (1987b, p. 78).

A palavra *ambiente* foi, portanto, utilizada por ele a partir desse viés de seu pensamento, assim como várias outras, e, dentro da psicanálise tradicional, tal palavra não é identificada como um conceito psicanalítico ou termo técnico. Não é encontrada, por exemplo, nos índices remissivos dos XXIV volumes da edição *Standard* das *Obras completas de Sigmund*

Freud, e, mesmo tendo sido utilizada por Melanie Klein e por Anna Freud, em referência à realidade externa, não está presente no *Vocabulário da psicanálise* de Laplanche e Pontalis ou, ainda, no *Dicionário de psicanálise* de Roudinesco e Plon.

Na psicologia americana, vários autores utilizaram esse termo, dentre eles Hartmann, Kohut e, mais distante da psicanálise, Skinner. Em recente estudo sobre a obra de Skinner, Guimarães (2003), comparando a utilização da noção de *ambiente* por este autor com a noção de sexualidade, ampliada por Freud, comenta que, para Skinner, *ambiente* é muito mais que o ambiente físico estrutural, “incluindo aí o ambiente social, onde se encontra todo o tipo de relação pessoal, interpessoal e relação com o próprio ambiente” (p. 65).

Sendo assim, como poderia ser pensado o uso desse termo por Winnicott? O que ele estava tentando abarcar com ambiente, que diferencia a sua aplicação do uso feito por esses outros autores?

O ambiente na obra de Winnicott

Ao declarar a importância que atribuía ao papel do *ambiente*, Winnicott colocou-se numa posição de briga com a enfática tese de Klein acerca do intrapsíquico. De certa forma, é compreensível o furor que se estabeleceu, uma vez que, na época, valorizar algo no estudo do psiquismo humano que abrangesse mais do que apenas as questões intrapsíquicas, dizendo-se ainda um psicanalista, era inadmissível. Contudo, não é simples abarcar de forma plena o uso por Winnicott da palavra *ambiente*. Ele a utilizou, em composição com outras palavras, de diversas maneiras, tais como:

- *meio ambiente*, em que se refere a um lugar, espaço ou veículo propiciador de condições físicas e psicológicas com as quais o indivíduo convive;

- *meio ambiente perfeito*, em que essas condições são 100% satisfatórias no atendimento das necessidades do indivíduo (embora, aqui, ele se refira a uma perfeição humana e não de uma máquina);
- *organização meio ambiente-indivíduo*, que diz respeito à unidade fusional inicial mãe-bebê, possibilitada pela identificação primária e possibilitadora do amadurecimento do indivíduo;
- *meio ambiente pessoal*, expressão por meio da qual expõe duas coisas diferentes: a primeira, referente ao fato de que as condições são oferecidas ao indivíduo por uma *pessoa* com ele envolvida, e a segunda, quando, a partir de condições favoráveis, o indivíduo consegue criar condições próprias de cuidado, ou seja, “o indivíduo pode gradualmente vir a criar um meio ambiente pessoal” (1958a, p. 379) devido à incorporação dos cuidados;
- *ambiente social imediato*, relacionado às condições oferecidas pelas pessoas da sociedade próximas à família do indivíduo;
- *ambiente humano*, em que se refere às condições oferecidas por pessoas;
- *ambiente não-humano*, que diz respeito às condições proporcionadas por coisas e/ou limites físicos como, por exemplo, uma casa (condições que dependem de como essas coisas são apresentadas pela pessoa que cuida); refere-se, também, ao meio ambiente não-projetivo, ambiente (mãe, pai, família, lugar) capaz de afetar o bebê antes de ser constituído por projeções;
- *ambiente doméstico*, relacionado ao lar, às condições oferecidas pela convivência familiar;
- *ambiente emocional simplificado*, sobre condições psicológicas básicas oferecidas por uma só pessoa ou poucas pessoas envolvidas com o indivíduo;
- *ambiente impessoal*, referente a condições proporcionadas por pessoas não emocionalmente envolvidas com o indivíduo como, por exemplo, os cuidados físicos oferecidos pela equipe de enfermeiros de um hospital;
- *mãe-ambiente*, que são as condições psicológicas de sustentação (*holding*) no tempo e no espaço, de manejo (*handling*) e de possibilidade de con-

- tato adequado com a realidade, oferecidas pela pessoa cuidadora do indivíduo, em geral, a mãe;
- *meio ambiente interno*: condições intrapsíquicas do indivíduo adquiridas por meio da incorporação de padrões do ambiente externo, como também da construção de um “padrão pessoal de expectativas” (1988, p. 175) – este é também o segundo significado do *meio ambiente pessoal*;
 - *ambiente suficientemente bom*, que se refere às condições favoráveis físicas e psicológicas, com as quais o indivíduo convive, adequadas o suficiente à sua necessidade;
 - *ambiente não suficientemente bom*, em que as condições favoráveis oferecidas são insuficientes às necessidades do indivíduo;
 - *ambiente mau*, no qual as condições favoráveis inexistem, ou seja, são “inóspitas” (por serem caóticas, de insegurança, etc.) e não permitem o desenvolvimento global do indivíduo;
 - *ambiente facilitador*, referente às condições físicas e psicológicas que favorecem esse desenvolvimento;
 - *provisão do ambiente*: montante de condições à disposição do indivíduo.

Notam-se, portanto, expressões por meio das quais se podem apreender tanto a referência de Winnicott às *condições emocionais ou psicológicas*, quanto às *condições físicas ou concretas*, como a presença real de pessoas e/ou coisas. Talvez isso possa ser ilustrado com a tentativa de um paciente de Winnicott, em sessão, de descrever aquilo de que se dava conta: “é como o óleo no qual as engrenagens funcionam” (1988, p. 150). Parece que, analogicamente, esse paciente apreendeu bem o que Winnicott chamou de “meio”, tanto em relação à parte física (o óleo) do ambiente (interno ou externo) quanto às condições psicológicas deste, que possibilitam o bom funcionamento psíquico e, em conseqüência, o desenvolvimento do indivíduo.

Além de usar a palavra *ambiente* de forma literal nessas expressões, Winnicott fez uso de outras expressões que insinuam seu significado como

“condições intra-uterinas”, “meio”, “unidade fusional inicial”, “atitude total”, “maternagem”, “mãe”, e até mesmo “*setting*”, como na afirmação: “a psique individual só pode ter início dentro de um determinado *setting*” (1958a, p. 379).

De acordo com Dias (2003), também “o conceito winnicottiano de *ambiente* inicial deve ser entendido segundo dois [...] aspectos essenciais” inerentes a ele: “a) [...] não é externo e nem interno; b) [...] é a instância que sustenta e responde à dependência” (p. 152). Compreende-se que, inicialmente, esse *ambiente* é a mãe e seu papel tem importância vital. Suas principais características são: simplesmente existir; amar o bebê de uma maneira que este possa compreender o seu amor, ou seja, fornecendo-lhe cuidados físicos (contato, temperatura corporal, movimento, quietude, etc.); possibilitar-lhe condições de viver uma calma ou excitar-se; fornecer alimento adequado em tempo também adequado; deixar que o bebê domine inicialmente, ou seja, tenha tudo o que possa ocorrer dentro do âmbito de sua onipotência; apresentar a este o mundo externo, comedido, de acordo com sua capacidade de assimilá-lo; proteger o bebê de coincidências e choques, isto é, tornar os eventos minimamente previsíveis ao bebê; fornecer a este estabilidade: uma continuidade de cuidados que lhe permita sentir, por sua vez, uma continuidade pessoal e interna (Winnicott 1958a).

Assim, é importante ressaltar que o *ambiente inicial*, percebido pelo observador como externo ao bebê, não é percebido por este. A objetividade e a externalidade do *ambiente* só serão alcançadas pelo bebê à medida que os recursos hereditários amadureçam e lhe permitam isso. E esse amadurecimento só pode acontecer com a facilitação do ambiente. Nota-se que, mesmo sendo necessária, essa facilitação não é tudo. Nas palavras de Winnicott, “o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses, possibilita à criança concretizar seu potencial” (1965b, p. 81).

Apesar desse fato, Winnicott frisou sempre a necessidade que o bebê tem do *ambiente facilitador* e as conseqüências da sua ausência. Essa ausência pode interromper e até bloquear definitivamente o amadurecimento emocional do indivíduo. Segundo Winnicott: “Uma pessoa madura pode participar de seu próprio manejo, uma criança só pode tomar parte até certo ponto, e um bebê, no início, depende absolutamente de um ambiente que pode escolher adaptar-se às suas necessidades ou então não se adaptar e ignorá-las” (1987b, p. 42).

Assim, se os pais dependem das tendências hereditárias da criança, a responsabilidade deles acerca do desenvolvimento dela vai se encontrar, então, na capacidade que tiverem de lidar adequadamente com o que for se apresentando, tanto hereditária quanto “acontecencialmente”.

O *ambiente interno* referido por Winnicott não pode ser confundido com o conceito de *mundo interno*. O *ambiente interno* possibilita a construção do mundo interno, embora esteja, concomitantemente, sendo constituído. Para essa construção, primeiramente, contribuem as experiências instintuais do indivíduo, que independem do lugar e da cultura em que ele vive. Em segundo lugar, há a contribuição das “coisas incorporadas, mantidas ou eliminadas”, que, embora sejam comuns a todos os indivíduos, podem ter diferenças, de acordo com os costumes e a época, por exemplo, o seio, a mamadeira, a água de coco, etc. E, por último, colaboram as “relações totais”, ou seja, as situações que são passíveis de serem elaboradas imaginativamente pelo bebê de uma forma ampla, referidas à pessoa propriamente numa

[...] situação real, incluindo acontecimentos com aquela mãe, babá, tia reais, naquela casa, cabana, tenda reais, com a realidade que se apresenta. A ansiedade, o mau humor e a falibilidade da mãe deveriam aí ser incluídas aqui, da mesma forma que a maternagem suficientemente boa comum. O pai entra indiretamente como marido e diretamente como mãe-substituta. (1958a, p. 451)

O *mundo interno* pode ser reconhecido, assim, na elaboração imaginativa que a pessoa passa a *localizar* inconscientemente “dentro de si

mesma" (Winnicott 1987b, p. 5), e o *ambiente interno*, nas condições *dentro de si* que a propiciam, sejam elas "boas" ou "más".

Winnicott e Freud

Segundo Winnicott (1965b), Freud, de certa forma, "negligenciou a infância como um estado". Ao utilizar o termo "negligenciou", Winnicott presume que Freud foi "obrigado" a assim proceder por lhe faltarem condições de discutir o que intuía acerca da importância do cuidado materno. Em uma nota do texto "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", de 1911, Freud comenta uma análise feita sobre o lactente, que pode ser justificada "desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe" (1911, p. 279).

Para Winnicott, Freud assume, com essa afirmação, não só a importância do ambiente, mas a questão da *dependência do bebê em relação ao ambiente*. Chega até a se perguntar, quando proferiu que "não há coisa como um lactente": "Estava eu influenciado, sem sabê-lo, por este rodapé de Freud?" (1965b, nota p. 40). Pode ser que sim. Contudo, ao contrário de Freud, Winnicott não negligenciou o aspecto da dependência absoluta do bebê em relação ao *ambiente* no início da vida. Ele conseguiu aprofundar seu estudo indo até as questões mais primitivas da vida de um ser humano.

Freud estava totalmente absorvido na descoberta e confirmação dos elementos que formaram a sua teoria da sexualidade e não se conseguiu desligar desta para levar em conta outros aspectos concomitantes às excitações vividas pelo bebê em seu relacionamento com as pessoas (os objetos). De acordo com Loparic (2005), "o modelo ontológico [de Freud] do ser humano, explicitado na parte metapsicológica da teoria, comporta um aparelho psíquico individual, movido por pulsões libidinais, forças psíquicas determinadas por leis causais" (p. 3). A situação inicial do bebê freudiano era, então, vista da seguinte maneira:

A primitiva escolha de objeto feita pela criança e dependente de sua necessidade de amparo exige-nos ainda toda a atenção. Essa escolha dirige-se primeiro a todas as pessoas que lidam com a criança e logo depois especialmente aos genitores. A relação entre criança e pais não é, como a observação direta do menino e posteriormente o exame psicanalítico do adulto concordemente demonstram, absolutamente livre de elementos de excitação sexual. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. Em geral o incitamento vem dos próprios pais, cuja ternura possui o mais nítido caráter de atividade sexual, embora inibido em suas finalidades. (Freud 1910 [1909] pp. 57-8)

A atenção que Freud pede é para a realidade das excitações sexuais presentes desde o contexto que Winnicott chamou de *ambiente inicial*. Entretanto, para enfatizar essa realidade, Freud, nas palavras de Winnicott, “negligenciou” todas as outras realidades, como a segurança e a confiabilidade que tornariam possíveis, à criança, integrar essas excitações. Se ela não estiver assegurada, satisfeita em sua “necessidade de amparo”, as excitações sexuais serão vividas de outra maneira, dissociadas da integração psique-soma, podendo resultar num estado de rigidez extrema, oscilando entre a compulsão, de um lado, e a evitação dessas excitações, de outro, caracterizando patologias. Como bem comentou Fulgencio (2003):

Dizer que a sexualidade é um fator importante na regulação e “objetivos” das relações entre os homens, entre os sujeitos e seus objetos, é [...] um importante dado empírico, mas dizer que ela é o único guia que regula todas as ações humanas também só pode ser reconhecida como uma hipótese especulativa, pois seria preciso admitir que *todos* os processos psíquicos são guiados pelo princípio do prazer, entretanto, essa hipótese parece encontrar dificuldades em ser comprovada pela observação. (p. 138)

É como se Freud fechasse os olhos àquilo que, primeiramente, guia os pais: a identificação com as necessidades urgentes do bebê, possibilitando o fornecimento de condições físicas e psicológicas adequadas para que, mais tarde, este possa experienciar seus desejos eróticos; uma identificação que é justamente a essência do que Winnicott denominou *mãe ambiente*.

Para esse autor, é a satisfação dessas necessidades – apresentando o que o bebê precisa no momento em que ele necessita – que ilude o bebê de que é ele próprio quem cria o mundo que o satisfaz. Sendo assim, evidencia-se o mundo subjetivo do bebê, no qual ele é a mãe e a mãe é ele. Aos poucos, começa a ser desenvolvido um espaço potencial entre o bebê e a mãe, no qual o brincar poderá acontecer, auxiliando o bebê em seu processo de realização dos objetos e acontecimentos externos, como também de seu si-mesmo, permitindo-lhe que se perceba separado da mãe.

De acordo com Winnicott (1988), é a natureza humana que faz com que o ser humano não consiga prescindir da “ilusão de contato” com o outro (realidade externa); é essa ilusão que deverá estar presente desde o começo para que o bebê não se aflija. Caso se torne muito aflito com a idéia de não existir um contato direto com a realidade externa, o bebê sentir-se-á continuamente ameaçado de perder a capacidade de se relacionar. Se essa ilusão é bem estabelecida e com ela a capacidade para se relacionar, o bebê poderá seguir em seu desenvolvimento rumo ao reconhecimento da solidão essencial inerente ao ser humano. Um bebê que alcança esse estágio poderá dizer:

Eu sei que não há nenhum contato direto entre a realidade externa e eu mesmo, há apenas uma ilusão de contato, um fenômeno intermediário que funciona muito bem para mim quando não estou muito cansado. A mim não importa nem um pouco se aí existe ou não um problema filosófico. (Winnicott 1988, p. 135)

Se o que existe é uma ilusão de contato, há um espaço potencial entre o bebê e a mãe desde o começo; e, sendo assim, se houver um ambiente favorável, fenômenos e objetos transicionais serão produzidos, permitindo o desenvolvimento e a constituição efetiva desse espaço no estágio da transicionalidade, no qual o bebê começa o seu reconhecimento do mundo objetivo ao mesmo tempo em que integra seu mundo subjetivo. Os fenômenos e objetos transicionais produzidos facilitarão o encontro com essa realidade objetiva: na ausência da mãe (ou dos

cuidados do ambiente), o bebê produz o objeto transicional justamente porque não consegue conviver com essa ausência sem uma conotação trágica; sendo assim, o objeto vem fazer as vezes de uma mãe que existe e que é fidedigna.

Com o amadurecimento, quando a ausência já pode ser experienciada de uma forma tranqüila, o objeto transicional é “relegado ao limbo”, perdendo a sua função. A ausência está ali e não é mais necessária uma presença que a encubra. Agora ele já pode perceber um objeto como símbolo de uma falta, pois já reconhece essa falta, embora não deixe de se relacionar com algum objeto. Melhor dizendo: por ser um *ser* cuja independência é apenas relativa e cuja natureza é relacionar-se com o outro (“ser-com-os-outros”), na falta de um contato direto ele brinca e, na continuidade do brincar, cria os objetos da cultura, que lhe permitirão relacionar-se com os outros mesmo na ausência destes (Winnicott 1971a).

Considerações finais

Do exposto, pode-se perceber que Winnicott, quando usa a palavra *ambiente* isoladamente, faz menção às condições físicas e psicológicas (tanto subjetivas quanto internas ou externas) necessárias ao amadurecimento emocional do ser humano. Assim, a palavra *ambiente* como um conceito ou termo técnico que designa um conjunto de “condições para”, quando usada de forma isolada, não pode prescindir de seu aspecto físico ou concreto, ou seja, dos elementos reais (os objetos) que fornecem as condições para o amadurecimento do bebê. É, portanto, um termo global no tocante a estas e, quando se fala em condições psicológicas, incluem-se tanto o que é propiciado por tudo aquilo que é consciente quanto pelo que é inconsciente.¹

¹ Para Loparic (2005), “o inconsciente winnicottiano consiste no não-acontecido (mas que precisa acontecer) e no ‘desacontecido’ (mas que precisava continuar sendo); em todo caso, de algo que pode escapar à recordação ou à elaboração simbólica” (p. 15).

Nota-se que o *ambiente* possui a característica de ser dinâmico, adaptando-se de acordo com cada momento do amadurecimento do indivíduo. Contudo, caso essa adaptação não ocorra adequadamente, estabelecem-se dificuldades de relacionamento com a realidade, tanto interna quanto externa, e, segundo Winnicott, será uma questão de sorte o quanto o indivíduo será capaz de se relacionar, como também a qualidade desse relacionamento: a sorte de ter podido contar com um *ambiente* “cuja adaptação ativa inicial à necessidade foi suficientemente boa” (1988, p. 135).

Referências

- Campbell, Robert J. 1986: *Dicionário de psiquiatria*. São Paulo, Martins Fontes.
- Dias, Elsa Oliveira 2003: *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Imago.
- Ferreira, Aurélio B. de Holanda 1988: *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Freud, Sigmund 1910 [1909]: “Cinco lições de Psicanálise”. In: Freud 1996.
- _____. 1911: “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”. In: Freud 1996.
- _____. 1996: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud edição Standard brasileira*. v. XI. Rio de Janeiro, Imago.
- Fulgencio, Leopoldo 2003: *O método especulativo em Freud*. Tese (Doutorado em Psicologia). São Paulo, PUC.
- Guimarães, Rodrigo P. 2003: “Deixando o preconceito de lado e entendendo o behaviorismo radical”. *Psicologia, ciência e profissão*, v. 23, n. 3, pp. 60-7.

E, em qualquer um desses casos (e também no caso do inconsciente reprimido), o inconsciente é parte atuante ou “interferente” na vida do ser humano.

Loparic, Zeljko 2005: "Elementos da teoria winnicottiana da psicanálise".

Natureza humana (no prelo).

Oxford wordpower 2003: *Oxford Collocations: dictionary for students of English*. Oxford, Oxford University Press.

Winnicott, Donald W. 1958a: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*.

Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

_____. 1965b: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

_____. 1971a: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. 1987b: *Gesto espontâneo*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

_____. 1988: *Natureza humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.